



Educação Democrática e Humanizadora

A pedagogia e a infância que queremos

Bernard Charlot | Celso Vasconcellos
Jaqueline Moll | Marineide Gomes (Organizadores)





Educação Democrática e Humanizadora

A PEDAGOGIA E A INFÂNCIA QUE QUEREMOS

Organizadores

Bernard Charlot
Celso dos Santos Vasconcellos
Jaqueline Moll
Marineide de Oliveira Gomes

UniProsa – Universidade que versa a prosa

São Paulo - SP

Setembro de 2023

Copyright © 2023 UniProsa – Universidade que versa a prosa
www.uniprosa.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS ORGANIZADORES. É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, para uso comercial (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). É autorizado o uso do livro ou de partes do livro para ações de formação, desde que sejam indicados o título do livro, o nome dos organizadores, a editora e, se for usado um texto particular, o nome do autor e o título desse texto.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica
Paulo Santos Lima Júnior e Adriana Beatriz Gandin

Revisão
Educon

ISBN: 978-65-00-83434-5

DOI:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P371 A pedagogia e a infância que queremos [recurso eletrônico] : / organizadores Bernard Charlot ... [et al.] . – Dados eletrônicos. – São Paulo : UniProsa, 2023.

Livro eletrônico.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader [PDF], Leitor ePub e Kindle.

ISBN 978-65-00-83434-5

Demais organizadores: Celso dos Santos Vasconcelos, Jaqueline Moll, Marineide de Oliveira Gomes.

1. Educação. 2. Infância. 3. XXX. I. Charlot, Bernard. II. Vasconcelos, Celso dos Santos. III Moll, Jaqueline, Gomes, Marineide de Oliveira. IV. Título.

CDU: 37

Bibliotecário responsável: Cristiane Pozzebom - CRB 10/1397

Coleção Educação Democrática e Humanizadora – UniProsa,
dirigida por Celso dos Santos Vasconcellos e Valdo José Cavallet.

LIVRO JÁ PUBLICADO:

Por uma Educação Democrática e Humanizadora (2021).

<https://www.eades.com.br/ebooks/por-uma-educacao-democratica-e-humanizadora.pdf>



www.uniprosa.com.br



Educação Democrática e Humanizadora

A PEDAGOGIA E

A INFÂNCIA QUE QUEREMOS

Autores

Adriana Beatriz Gandin
Ana Ruth Starepravo
Bernard Charlot
Celia Maria Rodrigues da Costa Pereira
Celso dos Santos Vasconcellos
Cesar Nunes
Cipriano Luckesi
Danilo Gandin
Eanes dos Santos Correa
Eliane Pinheiro Fernandes
Isabel C. H. Parolin
Itamar Nunes da Silva
Jane Patricia Haddad
Jaqueline Moll
Júlio Furtado
José Carlos Libâneo
José Pacheco
Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges
Luca Rischbieter

Maria Agraciada
Maria Carmen Silveira Barbosa
Maria de Lourdes Rangel Tura
Maria do Socorro de Souza
Marineide de Oliveira Gomes
Mário Sérgio Vasconcelos
Matheus Batalha Moreira Nery
Miriam Augusto da Silva
Paulo Santos Lima Júnior
Pedro Demo
Raquel da Silva Basto
Roseli Ferreira de Souza Araújo
Simone Datoguêa Silva
Susan Regina Raittz Cavallet
Terezinha Azerêdo Rios
Tiago Rufino Fernandes
Veleida Anahí Cápuia da Silva Charlot
Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot

Sumário

PREFÁCIO-APRESENTAÇÃO

Bernard Charlot, Celso dos Santos Vasconcellos, Jaqueline Moll, Marineide de Oliveira Gomes 6

SER CRIANÇA: AS INFÂNCIAS..... 14

CRIANÇA: UM PEQUENO SAPIENS QUE HERDOU UM MUNDO HUMANO
Bernard Charlot 15

“O PAI DO HOMEM”: ÓRFÃO DE SI MESMO?
Júlio Furtado 20

INFÂNCIA, RESSIGNIFICAÇÃO DE OBJETOS E FORMAÇÃO DE SUBJETIVIDADE
Tiago Rufino Fernandes 24

GERAÇÕES DIFERENTES EM UMA PROSA SOBRE INFÂNCIA: O QUE FOI, O QUE É, E O QUE PODE VIR A SER
Maria do Socorro de Souza 28

O QUE PODE A CRIANÇA DO FUTURO? A CRIANÇA DO FUTURO É UMA CRIANÇA?
Eanes dos Santos Correia, Veleida Anahi C. da Silva Charlot 36

O ESPAÇO-TEMPO DA INFÂNCIA BRASILEIRA
Matheus Batalha Moreira Nery, Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot 41

O VIVER CRIANÇA
Maria de Lourdes 47

APRENDER COM O OLHAR DA CRIANÇA
Celso dos Santos Vasconcellos 52

EU E AS CRIANÇAS 58

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, VIVÊNCIAS, RESSONÂNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL
José Carlos Libâneo 59

SE FOSSE POSSÍVEL
Susan Regina Raittz Cavallet 66

QUEM É O SUJEITO CRIANÇA FRENTE AO IMPERATIVO “SEJA FELIZ”
Jane Patrícia Haddad 72

REUMANIZANDO
José Pacheco 79

QUANTA VIDA CABE EM 14 ANOS?
Adriana Beatriz Gandin, Paulo Santos Lima Júnior 84

PEDAGOGIA E A INFÂNCIA QUE QUEREMOS
Maria Agraciada 88

INFÂNCIA E FELICIDADE
Terezinha Azerêdo Rios..... 92

EU QUERO QUE AS CRIANÇAS POSSAM BRINCAR “DE GUERRA”
Luca Rischbieter 98

CRIAR, EDUCAR, FORMAR.....	103
TODA IDADE É IDADE CERTA	
Pedro Demo	104
A MEDICALIZAÇÃO DAS INFÂNCIAS	
Isabel Cristina Hierro Parolin	108
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVIDADE: O DUALISMO DESUMANO NA ESCOLA	
Mário Sérgio Vasconcelos	114
A CIÊNCIA E A CRIANÇA: UMA APROXIMAÇÃO POSSÍVEL	
Ana Ruth Starepravo	119
RESILIÊNCIA, ALTRUÍSMO: AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS	
Eliane Pinheiro Fernandes	125
LUDICIDADE E INFÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA	
Célia Maria Rodrigues da Costa Pereira	132
A SENSIBILIZAÇÃO MUSICAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA: UM TOQUE DE CLASSE NO DESENVOLVIMENTO DA ALTERIDADE E NA INTERAÇÃO NO MEIO SOCIAL	
Itamar Nunes da Silva	138
O QUE ENTENDER POR INFÂNCIA E POR EDUCAÇÃO INFANTIL: UM COMEÇO DE CONVERSA	
Cesar Nunes	143
EM RESPEITO AOS BEBÊS, CRIANÇAS, SUAS FAMÍLIAS, TERRITÓRIOS E FUTUROS PROFESSORES E PROFESSORAS: CONSTITUIR UMA FORMAÇÃO INICIAL CONSISTENTE, CRÍTICA, SENSÍVEL E PROPOSITIVA	
Maria Carmen Silveira Barbosa	148
PERÍODO DE FORMAÇÃO ESCOLAR, ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO	
Cipriano Luckesi	153
O QUE ESPERAR DA PESSOA QUE CONCLUI O ENSINO MÉDIO	
Danilo Gandin	157
PARA NÃO FALAR COM AS PAREDES: REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO E DA ESCUTA PARA CONSTRUIR RELAÇÕES SAUDÁVEIS NA ESCOLA	
Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges, Miriam Augusto da Silva, Raquel da Silva Basto, Roseli Ferreira de Souza Araujo, Simone Datoguêa da Silva	162
INFÂNCIAS, ESCOLAS, PEDAGOGIAS E CONTEXTOS: MEMÓRIAS E FAZIMENTOS	
Jaqueline Moll	168
INFÂNCIAS E DIREITOS: QUANDO AS INFÂNCIAS GANHAM ROSTO (E VOZ)	
Marineide de Oliveira Gomes	174
OS AUTORES DO LIVRO.....	180
UniProsa - Apresentação	188

PREFÁCIO-APRESENTAÇÃO

Este livro traz contribuições de proseadores - educadores, pesquisadores, intelectuais da UniProsa/Universidade que versa a Prosa - que têm em comum o apreço pela boa conversa (interessada ou desinteressada) e a certeza de que no Brasil o acesso a uma educação democrática, cidadã e humanizadora ainda não é realidade para a maioria da população, à semelhança da sociedade desigual e carregada de obstáculos à concretização de direitos em que vivemos, entre outros aspectos, resultante da matriz autoritária e violenta da nossa sociedade.

O livro é o segundo produzido pela UniProsa. O primeiro é intitulado *Por uma Educação Democrática e Humanizadora*, título que define o universo filosófico, ético, político e pedagógico que une os membros da UniProsa e os autores dos seus livros, além das diferenças, reais, entre eles.

Por que escrever livros? O projeto é disponibilizar textos que possam ser usados na formação ou autoformação de educadores e professores e, de forma mais geral, de qualquer pessoa interessada na questão da infância e da educação. Tal projeto implica, também, escrever textos curtos, de acesso fácil do ponto de vista teórico e linguístico e disponibilizados em um e-book gratuito. Essa foi a única obrigação dos autores. Além dela, sua liberdade foi total, tanto na escolha do tema, como no estilo do texto. A organização do livro e o sumário foram construídos a posteriori pelos organizadores – que tiveram que escolher entre várias possibilidades de agrupamento dos textos. Portanto, o próprio leitor pode passear à vontade pelo livro e até construir outro livro a partir dos vários textos, o livro do seu coração e da sua mente.

Os proseadores (autores) do livro que trazem histórias e percursos trilhados em contextos, gerações e ambientes diversos, tiveram a tarefa de responder à pergunta: Que Infância e Pedagogia

queremos? Esse querer, como desejo coletivo, é compreendido aqui no entrecruzamento que envolve os processos educativos humanizadores e democráticos e a urgência em contribuir para a reflexão de educadores, especialmente aqueles que desenvolvem seus ofícios no terreno das infâncias, convidando-os a revisitar concepções, práticas, formas de organizar os tempos-espacos institucionais e alargar horizontes sobre as crianças reais que adentram cotidianamente esses ambientes educacionais.

São infâncias (no plural), reais, determinadas historicamente, com formas diversas de viver os tempos de ser criança, considerando as lacunas sociais, econômicas e culturais que dificultam que todas as crianças possam ser vistas, viver e fruir desse período privilegiado da vida, longe da visão romântica e descontextualizada de bondade e inocência, inspirada em ideais pedagógicos, infelizmente, ainda presentes na atualidade.

Do ponto de vista legal, as crianças conquistaram a condição de sujeitos de direitos e de produtoras de cultura, como seres integrais, potentes, enigmáticos, sensíveis e capazes de agir de forma inteligente diante das coisas do mundo, em um processo crescente de experiências e descobertas, com lugar central para as linguagens simbólicas, que permanecem na vida adulta. Pelas palavras de Bachelard (2009, p. 95) “uma infância potencial habita em nós.”

Ser criança significa pensar e sentir de forma diferente dos adultos, o que se faz por meio das percepções e dos sentidos, pelo uso da intuição, imaginação e da capacidade de inventar, olhar e, insistentemente, fazer perguntas curiosas e instigadoras. O brincar, o encantar-se, as analogias e as metáforas são recursos de primeira hora usados pelas crianças para dar sentido ao mundo, na tentativa de interpretá-lo, assim como a realidade que a contorna e poder se encontrar em um lugar nesse mundo. Por essa ótica, a criança não é um vir-a-ser, ela já é!

Ao fazer a pergunta sobre a Pedagogia que queremos, nos ocupamos dos ambientes em que ocorrem os processos educativos em que a formação humana acontece de maneira intencional, o que supõe considerar a dinâmica da realidade que é multifacetada, multidimensional e em permanente mudança e abriga contradições e disputas que carecem de leitura e interpretação, à luz de uma perspectiva de direitos (para todos).

O livro segue uma lógica que foi produzida pelos organizadores a partir da leitura dos textos, buscando preservar as intenções de cada proseador, autor e autora. E ao responder à pergunta-objeto do livro, foi necessário que os autores que aceitaram esse desafio, percorressem olhares, revisitassem memórias, escritos, saberes e fazeres, destacando a essência da contribuição de cada um nos textos, sem descuidar do aprofundamento, capaz de produzir um diálogo que faça sentido aos leitores.

Vamos à obra.

A primeira parte do livro traz perspectivas sobre o “Ser criança: as infâncias” - considerando tanto a especificidade etária, como a diversidade da compreensão das infâncias. As reflexões versam sobre os processos de hominização e de humanização e o papel da Educação, considerando a trajetória histórica da humanidade e a autonomia na construção dos próprios caminhos, sendo a infância um período privilegiado que marca a vida adulta, o que implica na superação de concepções dicotômicas (por exemplo: o lúdico versus o trabalho), a produção da experiência infantil pelo brincar e a ressignificação na constituição de subjetividades.

Em uma perspectiva de passado, presente e futuro, pessoas de diferentes gerações concebem as infâncias a partir de linhas-mestras: os cuidados, as conquistas e os desafios de cada tempo histórico, em que a consciência do corpo e do ‘eu’ ocupam lugar importante nos processos educacionais. São infâncias atravessadas por múltiplas simultaneidades, não padronizadas, vistas a partir do viver-criança, em

que a inteligência, a afetividade e a sensibilidade ganham destaque. Uma educação democrática, integral e humanizadora supõe um olhar em direção ao outro e um olhar para o mundo, reeducando o olhar do educador com novas atitudes e posturas, a partir das lições dadas aos adultos, pelas crianças.

Na segunda parte, o tema “Eu e as crianças” permitiu aos proseadores trazerem diferentes perspectivas sobre o assunto, em um exercício simultâneo de revisitação das memórias das próprias infâncias, com posicionamentos sobre os desafios atuais nesse campo. Uma delas é a importância do meio físico e social no desenvolvimento infantil e no protagonismo dos professores e da escola na apropriação e no impulsionamento de valores simbólicos e da cultura, que dão sentido à experiência humana. Outra perspectiva é compreender o educar como processo de convivência com o outro, sendo a educação democrática e humanizadora uma aposta que supõe ações educacionais que visem a decolonialidade, a emancipação, o acolhimento e os cuidados, podendo transformar as práticas escolares em um processo de reumanização, em que a escuta e o acompanhamento estejam presentes, por meio da reedição de desejos e da mediação efetiva entre humanos, em uma escola organizada de forma a fazer sentido para os sujeitos que a produzem.

Nessa reflexão, não se deve esquecer que a humanidade que compartilhamos se realiza sob várias formas culturais e, portanto, que se é criança de forma diferente nos povos originários, nas periferias ou na classe média dos bairros centrais de nossas cidades. De todo modo, a infância é um período de ingresso no mundo humano, mas as formas desse mundo são diversas e, portanto, as infâncias são plurais, bem como as formas de ser criança.

A felicidade e as infâncias teriam lugar nas escolas? Para alcançar essa intenção seria necessário criar condições institucionais objetivas para o exercício da vida plena, da convivência aberta e criativa, do bem comum (ética) e para a existência cidadã, pelo olhar

crítico, profundo, abrangente guiado pelo desejo de aprender das crianças. Nessa escola feliz seria importante ter lugar para brincadeiras de faz-de-conta que abrigassem repertórios diversos, como ambientes imagináveis e de descargas de frustrações e de afetividade.

A terceira e última parte do livro “Criar, educar, formar”, a mais densa, busca apresentar os desafios presentes em processos educativos que envolvem essa tríade (já tratada nas partes anteriores), nos diferentes ambientes em que o ser humano se desenvolve como espécie, como ser social e como sujeito do conhecimento, aberto a novas aprendizagens. Nessa parte do livro os proseadores apresentam reflexões acerca de representações de educadores e educadoras sobre a criança como sujeito ativo do processo educacional, com abordagens institucionais, políticas e com consequências pedagógicas práticas. O livro é finalizado com uma reflexão acerca do atual papel da escola e das instituições educacionais na sociedade, que sejam capazes de dar conta de uma educação plena que atue na incompletude humana, na dimensão humana ontológica de “ser mais” (FREIRE, 1996).

Sobre as representações de crianças e suas consequências pedagógicas, para fazer frente a uma sociedade desigual que produz uma escola excludente, a construção de uma escola democrática e acolhedora implicaria na criação de ambientes seguros para a aprendizagem e o desenvolvimento, que valorize a produção das subjetividades humanas, por meio de uma educação integral, conectada territorialmente e com a vida, que aproxime a criança do cientista, por meio de um olhar investigativo, revisitando e recuperando, de forma crítica, termos capturados pela políticas neoliberais como as habilidades socioemocionais, a meritocracia, o individualismo, o conformismo e a naturalização da exclusão.

A ludicidade, a ética, o compromisso profissional das equipes escolares e a relação dialógica com as famílias são outros ingredientes imprescindíveis em instituições educacionais humanas e democráticas, com especial destaque para as artes, pelo desenvolvimento dos

sentidos, valores, emoções e tradições culturais. Essa representação de criança, obviamente, rompe com a ideia de que há uma idade certa para aprender isso ou aquilo e com a medicalização da infância que, muitas vezes, decorre dessa ideia.

Desde a educação infantil (primeira etapa da educação básica) e adentrando no ensino fundamental, isto é, nas primeiras etapas da educação básica, seria importante que a organização do trabalho pedagógico fosse pautada na consistência, na crítica, na sensibilidade e na proposição, a partir da unidade teoria e prática, de modo articulado com as políticas de formação de professores para esse segmento etário, que precisariam ser mudadas, uma vez que a elevação do patamar de qualificação profissional de professores polivalentes (nível superior) que atuam com crianças pequenas não alterou a qualidade educacional em creches, pré-escolas e anos iniciais do ensino fundamental. Vale lembrar que a atual educação básica no Brasil passou por mudanças e reformas e representa um período fundamental na formação humana e cidadã (0-17 anos), não obstante a evasão escolar e o ensino-aprendizagem não satisfatórios serem fantasmas que rondam o cotidiano das escolas e que merecem ser vistos e superados, em sua complexidade.

Por essa razão, transformações, mais que mudanças, são necessárias na educação básica para que um jovem recém-saído do ensino médio seja um cidadão aberto à curiosidade, tenha desenvolvido nesse percurso formativo a esperança, utopias e a consciência social, com capacidade para transformar realidades (em processos coletivos intencionalizados para a justiça social, por meio do exercício da participação e da divisão de poder).

Ao terminar o livro e como forma de fazer frente aos dilemas e desafios colocados até aqui, os proseadores alertam para a urgência de se promover relações saudáveis por dentro das escolas, com trabalho coletivo, na forma de parcerias críticas entre educadores, com tempos institucionais de escuta, visando a construção de vínculos, a

validação de saberes e o estímulo à sede de aprendizagens entre as equipes de trabalho e, de modo análogo, com os estudantes, com a alteração de rotinas escolares, via de regra pautadas em controles e imposições.

Trata-se assim de “desarrumar a casa”, desemparedar/desconfinar as infâncias e aprender as lições que as crianças nos oferecem cotidianamente, entendendo as escolas e as instituições educacionais, em geral, como ambientes de viver, brincar, desfrutar e apreender, entremeando saberes escolares, práticas sociais/culturais e experiências de vida, elementos imprescindíveis para pautar as políticas educacionais e sociais. É preciso ainda - como pessoas adultas, educadores, pesquisadores - garantir e preservar avanços históricos e fortalecer redes territoriais de direitos para as infâncias, em meio às desigualdades, violências e invisibilidades, de modo a alcançar políticas intersetoriais, transversalizadas por um olhar educativo com e para as novas gerações, que clamam por um mundo mais igualitário, democrático, humano e fraterno.

Até aqui os proseadores puxaram a conversa sobre que infâncias e pedagogias queremos em uma sociedade com uma perspectiva educacional pautada nos valores humanos e democráticos, em uma tecitura instigadora e complexa de pontos de vista, que se fazem (e se refazem) no dia a dia das escolas e instituições educacionais. Assim como quando contamos histórias para as crianças, convidamos você, leitor ou leitora, a adentrar nessas breves narrativas e imaginar-se em uma prosa coletiva - sem início ou fim - e continuar a trilhar conosco esse caminho (real) de posicionamentos e indagações, podendo recriá-los.

Boa leitura!

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Bernard Charlot
Celso Vasconcellos
Jaqueline Moll
Marineide de Oliveira Gomes
(Organizadores)

EU E AS CRIANÇAS

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA, VIVÊNCIAS, RESSONÂNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Infância, aurora da vida, despontar da existência... Há muita coisa a dizer sobre esse tema, a especificidade biológica e social da infância, os contextos socioculturais, o currículo da Educação Infantil, a organização do ensino-aprendizagem, a infância e as precárias condições de vida das famílias, a insuficiência ou deficiências das escolas para a infância, a formação de professores. Especialmente, eu gostaria de trazer o tema da influência do meio físico, social e cultural no desenvolvimento da criança, conforme a afirmação de Vigotski de que “o meio se apresenta como fonte de desenvolvimento para as formas de atividade e das características superiores especificamente humanas” (2018, p. 90), assim como o tema da vivência da criança dessa relação, como escreve Vigotski, “como ela toma consciência, atribui sentido e se relaciona afetivamente com um determinado acontecimento” (p. 77). Para isso, primeiro, trarei como pano de fundo minha experiência pessoal nos meus anos de infância e, segundo, algumas reflexões sobre a importância das formas de organização da escola e do ensino na Educação Infantil na configuração do meio físico, social e cultural que dá a configuração da situação social de desenvolvimento. Não farei, obviamente, um ensaio teórico, mas um compartilhamento das minhas próprias vivências. Acredito que, enquanto sujeitos, vamos nos apropriando de meios materiais e simbólicos externos que vão constituindo, pelo processo de interiorização, nossa atividade interna para lidar com o mundo, dando uma certa configuração à nossa subjetividade. Nesse sentido, os contextos de práticas socioculturais e institucionais podem impulsionar ou inibir o desenvolvimento social, psicológico e escolar das crianças, com repercussões nas fases seguintes da vida humana. É possível imaginar, por exemplo, o quanto experiências da infância estão impregnadas das relações entre pensamento e linguagem e da

ressonância dessas relações na socialização, ainda mais quando se sabe que o processo de aquisição da linguagem está inteiramente vinculado a traços de uma sociedade marcada por desigualdades socioeconômicas que resultam em determinadas condições sociais, culturais e materiais de vida, inclusive nas possibilidades de apropriação cognitiva das mediações simbólicas que possibilitam “vivenciar” as experiências.

Penso que outro domínio investigativo de interesse para compreender as relações entre o meio e o desenvolvimento humano diz respeito aos motivos, ou seja, as condições internas de nosso psiquismo que direcionam nossa atividade para o mundo, sejam os primários, sejam os secundários. Eles vão dando conformação aos nossos objetivos pessoais, sempre na dependência das exigências sociais postas externamente conforme as condições de vida. Muitas outras considerações ligadas ao desenvolvimento psicológico e social na infância mostram a importância dessa fase da vida humana, por exemplo, as condições sociais e culturais da socialização, o papel da brincadeira e do jogo na relação com o ambiente, os processos de aprendizagem e identificação por imitação, e como isso vai levando à formação de atitudes e valores morais e à internalização de normas de estruturação do comportamento.

Enfim, o que as experiências e vivências das crianças pequenas têm a ver com o desenvolvimento da inteligência, da linguagem, dos motivos, dos valores, da identidade? Como esses processos e consequentes práticas educativas são impactados pelo pertencimento a diferentes classes e grupos sociais? O que sabemos, por exemplo, acerca do nível de desenvolvimento na linguagem dos estratos sociais mais baixos da estrutura social? Em que isso rebate na socialização, na aprendizagem bem-sucedida e no desenvolvimento humano? Qual o papel da família e da escola no provimento das condições para o desenvolvimento das capacidades e habilidades visando à formação da consciência e da autonomia na relação com o mundo?

Essas perguntas me mobilizam a trazer um pouco das lembranças da minha infância, especialmente em relação às vivências, isto é, a significação atribuída às situações geradas na dinâmica do meio físico, social e cultural de modo a unir a experiência com a reflexão, as emoções vivenciadas e a cultura. Minha origem social, cultural e material está ligada ao meio rural. Nasci no ano de 1945 numa família de lavradores numa pequena cidade do interior do Estado de São Paulo. Aos seis anos me sentei na carteira de uma escola multisseriada onde fiz os dois primeiros anos escolares. Os dois anos seguintes fui para o Grupo Escolar da cidade e, antes de passar pelo temível exame de admissão, aos dez anos, fui matriculado em um seminário católico onde permaneci oito anos. Meus pais eram quase analfabetos, trabalhavam na roça. Meu pai era um desses trabalhadores que luta, luta, luta e nunca consegue nada e então eu cresci num quadro de muita privação. Lembro-me desde os cinco anos levando almoço ao meu pai, na roça, num caldeirãozinho de alumínio: arroz, virado de feijão, ovo frito. Lembro de meu pai, na condição de meeiro, tendo conflitos com o proprietário da terra que não estava cumprindo o contrato verbal de distribuição de porcentagem da produção.

Esse período da minha infância se deu num contexto sociocultural e material tipicamente pré-capitalista: um bairro rural de pequenos sitiantes que residiam distantes uns dos outros, praticando agricultura de subsistência. O social, o cultural e a vida material na localidade em que vivi minha primeira e segunda infância confluíam num contexto de vida coletiva, economia de subsistência, relações de compadrio, solidariedade, hospitalidade, tolerância, muita religiosidade. Até meus nove anos, cresci naquela cultura católica tradicional de reza do terço, procissão, catecismo, de associações religiosas como a congregação mariana. Vigorava, também, uma cultura muito próxima de padrões patriarcais ajustados às características dos segmentos empobrecidos da pirâmide social. Era,

assim, um mundo com muita rigidez moral, severidade na educação dos filhos, percepção negativa em relação ao corpo, pouca demonstração física de afeto, linguagem cotidiana restrita, pouca comunicação verbal. Ainda dentro de um pedaço da minha infância, aos 10 anos, fui mandado para um seminário menor católico, onde eu permaneceria até o final do ensino médio e, depois, no seminário maior, no primeiro ano do curso de filosofia. Essa nova experiência me introduziu num mundo inteiramente distinto da minha cotidianidade até então. O cotidiano do seminário consistia em uma rotina de internato rigorosa: num dormitório coletivo, levantar-se muito cedo, arrumar a cama, depois dirigir-se à capela em fila para fazer meditação e assistir à missa; após o café coletivo, aulas durante toda a manhã, almoço, estudo individual durante a tarde, jantar, um período de conversas num imenso pátio, jogos, música, e, finalmente, dormir. E muita vigilância, por vários meios. Em relação aos estudos, fui beneficiado por uma autêntica formação geral dentro dos melhores padrões humanistas, um currículo enriquecido, uma formação espiritual e moral dentro do padrão católico tradicional. Não quero agora fazer juízo de valor sobre essa formação moral, mas considero importante assinalar o empenho da educação jesuítica em uma educação onilateral, isto é, um ideal educativo de formação do espírito cultivado, de rica vida interior, visando um sujeito autônomo e emancipado capaz de autodesenvolver-se. Aprendi muito bem o português, sete anos de latim, três anos de grego, além da matemática, história, ciências. Podíamos ouvir música clássica, havia muito esporte, campeonatos, aulas de ginástica, aulas de música, teatro, exercícios de oratória, coral. Tudo o que pode ser chamado hoje de formação cultural e científica. Imagine-se eu, um menino pobre, filho de lavradores, que nunca tinha tido acesso a nada disso, de repente, com 10 anos, eu tinha lá tudo isso disponível, num novo meio físico e sociocultural. A minha vivência desse contexto me inspiraria,

mais tarde, uma proposta de escola pública para os filhos das camadas empobrecidas da sociedade.

Presumo que os leitores que me leram até aqui compreendam a importância da situação social de desenvolvimento que aparece no relato de minhas experiências de infância. Esse conceito de Vigotski, junto com outro, o de vivências, me permitem atribuir sentido a esses acontecimentos de modo a compreender o impacto de dois meios físicos, sociais e culturais muito diferentes no desenvolvimento psicológico e social e as formas de reação dos sujeitos. Para Vigotski, não se trata, apenas, do papel do meio físico e cultural na constituição da subjetividade, nem de um papel determinista entre o ambiente e o desenvolvimento individual. Comprovada a relevância indiscutível do meio ambiente, há que se considerar a atuação do sujeito em dar sentido às suas experiências e, assim, orientar seu próprio desenvolvimento. Isso significa que as vivências sintetizam o externo e o interno no processo de desenvolvimento.

Chego, assim, ao segundo objetivo da escrita deste texto, como compreender a Educação Infantil e a pedagogia da infância. Considerando-se os influxos do meio sobre o desenvolvimento pessoal e como as crianças vivenciam essa experiência, cabe perguntar de que modo as crianças pequenas podem se apropriar de valores simbólicos da cultura e, assim, desenvolverem estratégias e habilidades para atribuir sentido às experiências de vida e, assim, formar sua atividade para lidar com o mundo, os outros e consigo mesmos? Como ajudar as professoras a compreenderem a relevância da situação social de desenvolvimento das crianças e, especialmente, que elas fazem parte dessa situação social?

Na perspectiva em que me posiciono a partir da teoria histórico-cultural, a educação escolar consiste em processos específicos de apropriação, pelos alunos, da cultura e da ciência desenvolvidas social e historicamente, formando capacidades e habilidades humanas que os ajudam a organizar seu comportamento e suas ações, pelo processo

de interiorização. Para isso, a escola e os professores precisam ser capazes de selecionar e organizar os conhecimentos, isto é, os elementos da ciência e da cultura - capacidades, habilidades, valores - que precisam ser internalizados pelos indivíduos da espécie humana para que se tornem humanos, e de organizar adequadamente o ensino para a apropriação desses conhecimentos pelos alunos. Sendo assim, a Educação Infantil representa o processo de humanização e emancipação que acontece com crianças pequenas. A escola infantil é onde as crianças, conforme as idades, se apropriam das capacidades humanas encarnadas na ciência, na arte, na filosofia, na moral, nos hábitos, nos valores, nos modos de agir, nas práticas de sobrevivência etc. Ora, sendo o meio físico, social e cultural a fonte direta do desenvolvimento psíquico, como conceber as formas de organização da escola infantil e a organização do ensino tendo em conta a diversidade sociocultural e as desigualdades sociais que os alunos trazem para a escola e que demarcam fortemente as vivências desses alunos? Se os conteúdos, como parte do meio, dizem respeito aos modos de atividade humana historicamente desenvolvidos e expressos na cultura, na ciência, na arte, na moral, na tecnologia, como eles devem ser selecionados e organizados na Educação Infantil? Como professoras e professores podem aprender a extrair dos conteúdos capacidades e habilidades humanas generalizadas ao longo do desenvolvimento histórico e social? Como chegar a um currículo mais sistematizado para a Educação Infantil considerando atividades próprias da faixa etária das crianças e as situações de diversidade sociocultural e de desigualdades sociais vividas por elas e que demarcam fortemente suas vivências?

Não cabe aqui trazer respostas a essas questões. Não pretendi com este texto nem buscar um refinamento teórico e nem fazer um exercício terapêutico, minha infância está longínqua e a situação social de desenvolvimento vivenciada por mim já foi suficientemente esquadrinhada para extrair daí os benefícios e perdas na constituição

da minha subjetividade. Minha intenção foi tão somente exemplificar com minhas lembranças e vivências o papel do ambiente social e cultural sobre o desenvolvimento individual e extrair daí derivações para a organização da escola e do ensino na Educação Infantil. Com isso quis, também, ressaltar o papel da escola como meio físico, social e cultural propulsor ou inibidor da aprendizagem e desenvolvimento das crianças pequenas.

Referência

PRESTES, Z. e TUNES, E. (eds.). **7 aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedologia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

José Carlos Libâneo

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

OS AUTORES DO LIVRO

Adriana Gandin

Pedagoga e pós-graduada em Tecnologias Google for Education e em Gestão de Pessoas. Autora de dois livros sobre Projetos na Escola e de diversos artigos com temas ligados à Educação e à Tecnologia Educacional. Trabalha na área da Educação desde 1988, principalmente em instituições da rede privada de ensino, atuando na educação básica e na educação superior. Atualmente, é especialista de tecnologia educacional na FTD Educação e docente em cursos de pós-graduação. Desde 1997 dedica-se à formação de professores e ao estudo sistemático do trabalho com projetos e, desde 2010, ao uso das tecnologias digitais na Educação.

E-mail: adrianagandin@gmail.com

Ana Ruth Starepravo

Doutora em Educação pela USP, Pedagoga e Mestre em Educação pela UFPR. Mãe de trigêmeos, professora, escritora e pesquisadora na área de Educação Matemática. Uma educadora inquieta, eterna caminhante e apaixonada pelos mistérios desse fascinante processo que nos acompanha e nos transforma ao longo da vida: o APRENDER.

E-mail: starepravo@uol.com.br

Bernard Charlot

Nascido em 1944, em Paris, vive no Brasil desde 2003. Formado em Filosofia, é Doutor e livre-docente da Universidade de Paris X. Professor Titular Emérito em Ciências da Educação da Universidade de Paris 8, ele já foi professor nas Universidades de Túnis e de Paris e Professor-Visitante em Porto e na Universidade Federal de Sergipe. Escreveu 15 livros, organizou mais 7, publicou dezenas de capítulos e artigos científicos. Seus livros e artigos foram publicados ou traduzidos em 18 países. Seu último livro, publicado em 2020 e traduzido em português: *Educação ou Barbárie? Uma escolha para a sociedade contemporânea* (Cortez, 2020). É Doutor Honoris Causa da Universidade de Patras (Grécia), da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: bernard.charlot@terra.com.br

Celia Maria Rodrigues da Costa Pereira

Doutora em Sociologia e Mestra em Educação pela UFPE. Prof. do Centro de Educação e da Pós-graduação em Filosofia da UFPE. Membro do NEPEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania na UFPE e membro da Comissão de Direitos Humanos da UFPE. Atua nos seguintes temas: democracia, cidadania, participação, direitos humanos, gestão, escola e ensino e outros.

E-mail: celiacostapereira@gmail.com

Celso dos Santos Vasconcellos

Doutor em Educação pela USP, Mestre em História e Filosofia da Educação pela PUC/SP, Pedagogo, Filósofo, pesquisador, escritor, conferencista, professor convidado de cursos de graduação e pós-graduação. Foi Professor (Educação Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior, Pós-Graduação), Orientador Educacional, Coordenador Pedagógico e Diretor de Escola. É consultor de secretarias de educação, diretor do Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica, em São Paulo. Pós-doutorando em Devir-Criança com os professores Rafael, Bruninho, Isadora, Leonardo, Laura, Victoria e Isabella, meus netos!

E-mail: celsovasconcellos@uol.com.br

Cesar Nunes

Livre docente em Educação, Professor Titular de Filosofia e Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP, Brasil, é Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA e Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos.

E-mail: cnunes@unicamp.br

Cipriano Luckesi

Licenciado em Filosofia, Mestre em Ciências Sociais, Doutor em Filosofia da Educação, Professor aposentado da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia.

E-mail: ccluckesi@gmail.com

Danilo Gandin

Graduado em Filosofia (Unisinos 1963 - UFRGS 1964), graduado em Letras (UFRGS, 1967), especialista em Planejamento da Educação (UFRGS, 1970), mestre em Educação (UFRGS, 1980). Atua há mais de 50 anos assessorando escolas, prefeituras e instituições de ensino.

E-mail: danilogandin@gmail.com

Eanes dos Santos Correia

Licenciado em Educação Física e Pedagogia, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: eanescorreia1@gmail.com

Eliane Pinheiro Fernandes

Aluna da escola pública desde a educação infantil. Professora de ensino fundamental por 21 anos na SME-SP e atualmente Coordenadora Pedagógica. Mestre em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP); doutora em Educação: Psicologia da Educação (PUC-SP); pesquisa Violência na escola e desenvolvimento da moralidade na perspectiva

da Psicologia Sócio- histórica. Membro do grupo de pesquisa CNPq Atividade Docente e Subjetividade (GADS, PUC-SP).

E-mail: elianepinfer@gmail.com

Isabel C. H. Parolin

Pedagoga, Psicopedagoga clínica e consultora institucional de escolas públicas e privadas em todo o Brasil. Mestre em Psicologia da Educação - PUCSP. Professora em cursos de pós-graduação na área da aprendizagem, inclusão escolar e relação família, escola e aprendizagem. Pesquisadora do grupo GAE-PUC-PR. Consultora da Educação Presente Ltda. Conselheira Nata da Associação Brasileira de Psicopedagogia-Seção Paraná. Palestrante para pais e professores. Autora de 24 livros/ e-books e 7 cursos em CDs sobre Aprendizagem e temas destinadas aos psicopedagogos, professores e familiares, tendo como tema central: como uma pessoa aprende (e o entorno do não aprender).

E-mail: isabelchparolin@gmail.com

Itamar Nunes Da Silva

Doutor em Educação, com área de concentração em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania, Mestre em Ciência Política pela UFPE. Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba. Atua no NEPEDH (Núcleo de Estudos e Pesquisa de Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Cidadania na UFPE). Trabalha com os seguintes temas: Direitos Humanos, Educação em Direitos Humanos, Estado e democracia.

E-mail: itamarns@gmail.com

Jane Patricia Haddad

Mestre em Educação pela UTPR, Docência do Ensino Superior pela UNI-BH, Psicanalista com Formação em Teoria Psicanalítica UFMG e Pedagoga pela PUCMG. Uma humana que aposta na Humanidade, sou o efeito e feito da linguagem em meu percurso de vida e agente de um futuro possível.

E-mail: janepatinha@gmail.com

Jaqueline Moll

Pedagoga. Foi professora dos anos iniciais do ensino fundamental. Doutora em Educação pela UFRGS e Professora Titular da Faculdade de Educação desta Universidade. Foi Diretora de Educação Integral do Ministério da Educação (2005-2013), tendo participado efetivamente da construção do Programa Mais Educação e do Programa de Integração da Educação de Jovens e Adultos a Educação profissional (PROEJA). Agraciada com o Prêmio Cora Coralina da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED) pela contribuição da Educação como inclusão social. Pós Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do RJ.

E-mail: jaquelinemoll@gmail.com

José Carlos Libâneo

Doutor em Filosofia e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutor pela Universidade de Valladolid (Espanha). Professor titular da PUC Goiás e professor aposentado da Universidade Federal de Goiás.

E-mail: libaneojc@uol.com.br

José Pacheco

Antropedagogo e Mestre em Ciências da Educação. Designer educacional. Principal culpado pelo projeto da Escola da Ponte. Cúmplice do Projeto Âncora e da Escola Aberta de São Paulo. Aprendiz de utopias.

E-mail: jpacheco.1951@gmail.com

Júlio Furtado

É graduado em Geografia, Pedagogia e Psicologia. É mestre em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana. É professor universitário aposentado, ex-reitor e realiza cursos de formação continuada para professores e gestores escolares em todo o Brasil há 35 anos. Atualmente é gestor escolar e orientador educacional do Colégio Professor Anselmo em Mesquita, RJ.

E-mail: juliofurtadoprof@gmail.com

Katia Cristina Barbatano dos Santos Borges

Professora, por paixão e por opção diária. Há 28 anos na rede pública municipal. Formada no magistério pelo CEFAM e na pedagogia pela UNESP. Curiosa por natureza e ofício, continua a estudar e pesquisar o fazer pedagógico com e para as crianças.

E-mail: santos.katiacristina@gmail.com

Luca Rischbieter

Luca Rischbieter vive em Curitiba e é formado em Geografia pela Universidade Federal do Paraná, com Licenciatura e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Paris V. Sua atuação por mais de uma década com redes públicas de educação infantil resultou na obra “A História do Pequeno Reino”, uma proposta curricular completa. É autor de três livros de literatura infantil, “O Planetinha Tosse Tosse”, “O Planetinha Encharcado” e “João e Maria no Mundo da Lua”. Foi consultor pedagógico, por quase três décadas, da Positivo Tecnologia. Desde 2009 é sócio da Casa Labirinto-Labirintos Lúdicos, uma iniciativa que, com a mediação de “tecnologias analógicas”, se soma aos esforços para promover processos de educação e qualificação mais lúdicos, criativos e interativos.

E-mail: lucaapr4@gmail.com

Maria Agraciada

Mãe, avó e costureira de mundos. Educadora, arquiteta e pesquisadora de educação indígena e arquitetura de terra. Mulher de linhagem Tupinambá e ativista das causas dos povos Pataxó Hã-hã-hãe e Tupinambá do Sul da Bahia. Idealizadora e diretora do Instituto Etno, gestora de projetos de empoderamento feminino e juvenil. Palestrante dos temas: Educação Democrática, Empoderamento Feminino, Ervas Medicinais, Arquitetura Viva e Geobiologia. Integrante da RedHumani, UniProsa, da Teia dos Povos da Bahia e São Paulo, Rede Terra Brasil, MOANE, Mulherio das Letras, ANMIGA, Aliança das Ecoversidades, pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Movimento Plurinacional Wayrakuna CNPQ/UNEB, e articuladora da Economia de Francisco e Clara.

E-mail: instituto.etno@gmail.com

Maria Carmen Silveira Barbosa

Graduada em Pedagogia, pela UFRGS, mestre em Planejamento da Educação (UFRGS), Doutora em Educação pela Universidade de Campinas (2000), Pós-doutora em Educação pela Universidade de VIC (Espanha, 2013). É Professora Titular em Educação Infantil na UFRGS. Atua como professora no PPGEDU na UFRGS, atuando na Linha de Pesquisa Estudo sobre a infância, e como pesquisadora no GEIN – Grupo de Estudos em Educação Infantil. Foi consultora do Mec para as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular. Participa do Movimento Interfóruns de Educação Infantil (MIEIB). Desenvolve pesquisas nas áreas de infância, currículo, didática, formação de professores, políticas públicas na Educação Infantil.

E-mail: licabarbosa@gmail.com

Maria de Lourdes Rangel Tura

Maria de Lourdes Rangel Tura tem graduação em Ciências Sociais pela PUC/ Rio de Janeiro e Pedagogia pela Universidade Santa Úrsula / Rio de Janeiro. É mestre em Educação pela Fundação Getúlio Vargas e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFRJ. Trabalhou como professora do Ensino Médio no campo das Ciências Sociais e como orientadora educacional no Ensino Fundamental. Atualmente é Professora Associada aposentada da Faculdade de Educação da UERJ e está ligada à Linha de Pesquisa “Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura” do Programa de Pós-graduação em Educação - PROPEd/ UERJ.

E-mail: Itura@centroin.com.br

Maria do Socorro de Sousa

Graduada em Pedagogia, mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza – UNIFOR (2003), doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará – UFC (2014). Atualmente é professora do mestrado profissional em Ensino na Saúde da UECE, e Orientadora da Célula de Gestão do Conhecimento e Pesquisa em Saúde da

Coordenadoria de Educação, Trabalho e Pesquisa em Saúde (COEPS) da Secretaria da Saúde do Ceará.

E-mail: sousams3@gmail.com

Marineide de Oliveira Gomes

Ativista pelo direito à Educação. Pedagoga, Mestra em Educação (FE USP) e Mestra em Estado, Governo e Políticas Públicas (FLACSO). Doutora em Educação (FE USP), com Pós-Doutoramento na mesma área (Universidade Católica Portuguesa - Lisboa). Professora e pesquisadora dos campos das Políticas Educacionais, Políticas para as Infâncias e Territórios Educativos.

E-mail: neide.ogomes@gmail.com

Mário Sérgio Vasconcelos

Professor de Psicologia do Desenvolvimento Humano e Coordenador de Permanência Estudantil da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Suas principais pesquisas e atuações profissionais estão direcionadas para as áreas do desenvolvimento infantil e criatividade, construção de valores na escola, inclusão e permanência estudantil no ensino superior.

E-mail: mario.sergio@unesp.br

Matheus Batalha Moreira Nery

Psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe, foi Visiting Scholar na Harvard University, escreve crônicas sobre Educação, Psicologia e Questões Globais.

E-mail: mbmnery@gmail.com

Miriam Augusto da Silva

Filha da escola pública, professora Alfabetizadora, em constante formação e transformação, com a carreira toda dedicada à Rede pública, por acreditar no poder transformador da educação. Formada no magistério no Colégio Progresso e licenciatura em Educação Física, nas Faculdades Integradas de Guarulhos.

E-mail: miriam70.augusto@gmail.com

Paulo Santos Lima Júnior

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande. É palestrante e autor de livros dedicados à Educação e à Preservação Ambiental. Atualmente é consultor educacional especialista na FTD Educação.

E-mail: paulo.lima@gmail.com

Pedro Demo

Professor titular aposentado, Sociologia, UnB. Professor voluntário no PPGDH e PPGPIJ (CEAM), UnB. PhD Sociologia, Alemanha, 1971. Na UnB desde 1976. Emérito. Publica sobre sociologia da educação e metodologia científica. Foca o desafio da aprendizagem na escola pública, por conta dos desafios da cidadania popular. Enfatiza a importância do professor básico como mediador imprescindível e sugere centrar no direito do estudante de aprender, menos no ensino. Promove metodologias qualitativas da pesquisa social, para superar o positivismo lógico-experimental.

E-mail: pedrodemo@gmail.com

Raquel da Silva Basto

Professora e Coordenadora Pedagógica da rede pública que acredita na transformação do mundo pela ação das pessoas. Tem o conhecimento como valor maior que precisa ser compartilhado. Formada no magistério pela Escola Estadual Oswaldo Catalano e na Pedagogia pela Uninove.

E-mail: raquelsbasto@gmail.com

Roseli Ferreira de Souza Araujo

Formada em Pedagogia pela PUC -SP. Possui Especialização em “Ética, Valores e Cidadania” pela USP e em “Gestão da Educação Pública” pela Univesp - UAB. Foi Educadora em Creches da USP, Prefeitura de Guarulhos e Prefeitura de São Paulo. Agora, recém aposentada, espera encontrar descanso e alegria alfabetizando voluntariamente quem encontrar a sua frente.

E-mail: roselifsara@gmail.com

Simone Datoguêa Silva

Adulta por classificação biológica, intrinsecamente brincante, reconhece a ludicidade como propulsora de um desenvolvimento humano sadio e prazeroso. Atualmente, vice-diretora em Escola Pública. Formada no magistério na E.E. Dom Paulo Rolim Loureiro e Pedagogia pela Universidade de Guarulhos.

E-mail: simone.datoguea@gmail.com

Susan Regina Raittz Cavallet

Psicanalista, Psicóloga e Administradora. Mestrado em Educação. Atuei no serviço público estadual, municipal e federal, na Caixa Econômica e outras empresas, desde 1972. Trabalho com clínica individual, pequenos grupos, e como Educadora convidada na Especialização Alternativas para uma Nova Educação – MoANE e UFPR-Litoral. Busco facilitar encontros pela escuta.

E-mail: susan.rcavallet@gmail.com

Terezinha Azerêdo Rios

Mineira, de Belo Horizonte, reside em São Paulo. Graduada em Filosofia (UFMG), Mestre em Filosofia da Educação (PUCSP), Doutora em Educação (USP). Pesquisadora do GEPEFE – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores (FE/USP). Membro da SOFELP – Sociedade de Filosofia da Educação dos Países de Língua Portuguesa.

E-mail: terezinha.rios@outlook.com

Tiago Rufino Fernandes

Possui graduação em Ciências Sociais, Filosofia, Letras e Pedagogia, é mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e integra o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação do Educador (GEPEFE-FEUSP). É doutorando pela mesma universidade. Atualmente é supervisor de ensino na Rede Municipal de Arujá/SP e professor de língua portuguesa na Rede Municipal de Guarulhos/SP.

E-mail: tiago_rufino@yahoo.com.br

Veleida Anahí Cápuia da Silva Charlot

Licenciada em Ensino de Ciências e Matemática, Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, professora titular do Departamento de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática e em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: veleida@academico.ufs.br

Yan Wagner Cápuia da Silva Charlot

Bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Doutorando em Direito pela Universidade Tiradentes. Editor Assistente da Revista Internacional Educon. Membro Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade - EDUCON/UFS/CNPq.

E-mail: yancscharlot@gmail.com

CAPA:

Leonardo Ávila Sola (8 anos), Leonardo Lima Santos (6 anos), Miguel de Brito Aguiar (7 anos), Pedro Henrique Rocha Silva (7 anos), Sophia Gomes Rufino (6 anos), Valentina do Amaral (7 anos).

UniProsa - Apresentação



A UniProsa é a Universidade que versa a prosa. A prosa que humaniza e dá sentido ao viver, numa sociedade complexa e contraditória. Uma entidade educacional Comunitária e Informal. Integrada por muitos educadores que amam o que fazem: Educar. E se educam com o que amam: a Educação Humanizadora e Emancipatória. São educadores de diferentes gerações, diferentes culturas, diferentes saberes e diferentes experiências e vivências nos Territórios Educacionais.

Rememorando a Gênese do Grupo

Vivia-se o segundo semestre de 2014. Dois avós que se conheciam e conviviam, com muitos traços de identidade compartilhados, desde o longínquo início do doutorado na FEUSP, em 1994, se encontraram mais uma vez para falar da vida, de desafios e de vivências educacionais.

Sentados no chão, da sala do Museu do Brinquedo do Libertad (Centro de Formação, Pesquisa e Assessoria Pedagógica), passaram horas brincando feito crianças, falando dos netos, contando histórias e tecendo utopias.

O tempo que contava era só o tempo de brincar e de sentir a emoção das lembranças de histórias de lutas e aprendizados vividos na esperança de construir futuros, para além das idades.

Após o longo tempo não controlado, decidiram que aquela alegria ali sentida, de avós e sonhadores de outros mundos educacionais, deveria ser compartilhada com mais amigos, que também se identificavam com o viver amoroso, fraternal e desafiador, dos campos educacionais emancipatórios.

Assim e ali nascia a UniProsa: a universidade que versa a prosa. A prosa que humaniza e dá sentido ao viver, numa sociedade complexa e contraditória. Uma entidade educacional comunitária, informal, Intergeracional, Interexperiencial, Intercultural.

Pouco tempo depois, em 21 de março de 2015, acontecia o I Encontro da UniProsa, na sede provisória (até hoje), cedida pelo Libertad, em São Paulo, com uma dezena de amigos, apaixonados pela educação.

Após muitos afetuosos prolegômenos e rodadas de prosa, foi empossado o avô El Rei Thor Celsius Primeiro e único Magnífico Reitor da UniProsa. Nessa ocasião, Valdo foi designado pelo Magnífico Rei Thor, secretário de El Rei.

Conseguimos superar, entre outras coisas, o golpe de 2016, os desgovernos de Temer e do outro, a Pandemia! Do grupo inicial, tivemos pouquíssimas baixas. Em compensação, tivemos adesões riquíssimas: outros amigos proseadores foram chegando e com eles ampliamos as linhas e cores de tudo que uma Prosa que Une pode propiciar, qual seja, Sentidos da e para a Vida.

Somos, antes de tudo, um grupo de amigos que amam de paixão a Aventura Humana, a Humanização, aquilo que comumente chamamos de Educação, especialmente na Escola! Somos um grupo em que, pela participação de cada um, pela Prosa, nos ajudamos, partilhando informações, materiais, mas também dúvidas, angústias, buscas, cuidando, sendo o ombro amigo nos momentos difíceis, parceiros nas denúncias e lutas, companheiros nos momentos de celebrar as conquistas, refletindo juntos, avançando na produção de sentido para o trabalho e para a vida como um todo, na perspectiva Democrática e Humanizadora.

“O que vale é a amizade
Foi sempre o que a gente fez
E por essa amizade
Eu faço tudo outra vez.”
(O que vale é a amizade-MPB4)

Nossos contatos para continuar a Prosa:

	http://uniprosa.com.br Aqui você encontra os livros, o Manifesto, a Carta Aberta às Professoras e aos Professores, informações sobre os autores, fotos etc.
	https://facebook.com/groups/168688751936697/
	https://youtube.com/@uniprosa4001
	uniprosa.universidade@gmail.com